

Garante o coronel Luís Bernardino

"A defesa é um sector de desenvolvimento"



Pag. 04

O povo lamenta
"Os alunos estudam
por debaixo
das árvores"

Pag. 05

Pag. 07

Sobre a balbúrdia na Educação Laura sugere
"As cobranças ilícitas devem ser
classificadas como um crime"



Sugestão para Moçambique

"Perceber a arte, aceita-la e dá-lha a
devida importância"



“Temos a certeza absoluta que nada se faz na Defesa Nacional sem a presença das Mulheres”

Decorreu nos dias 07 e 08 de Fevereiro em Maputo, a XII Reunião do Conselho Consultivo do Centro de Análise Estratégica (CAE) da CPLP, seguido no dia 09 de Fevereiro pelo XXVII Seminário Internacional Político-Estratégico sobre o tema “A Estratégia do Mar da CPLP. Desafios e Oportunidades”. No Conselho Consultivo estão representados todos os Núcleos Nacionais dos Estados-membros da CPLP, e tem como principal objectivo fazer a análise das iniciativas desenvolvidas ao longo de todo o ano passado e preparar a agenda para 2023 e olhar para 2024. Na sequência, a redacção do nosso jornal esteve em conversa com Luís Bernardino, coronel do exército português, que é o representante do Núcleo Nacional de Portugal, e atualmente Presidente em exercício deste Conselho, e mais detalhes, acompanhe a nossa entrevista.

Luz do Pensamento: Coronel, está agora a decorrer o Conselho Consultivo é possível saber do Coronel se está a decorrer conforme se esperava?

Luís Bernardino: O Conselho Consultivo do Centro de Análise Estratégica da CPLP é portanto o órgão estatutário que por um lado faz a avaliação do que foi realizado no ano passado e, por outro, elabora o planeamento das actividades e iniciativas a desenvolver pelo Centro e os seus Núcleos Nacionais (NN) em 2023. Para além de tratar obviamente dos assuntos administrativos, organizativos e de agenda que desenvolve no seio da Cooperação de Defesa na CPLP. Portanto, temos aqui dois grandes objetivos. Fazer uma análise do trabalho que foi feito e avaliar do grau de sucesso e por outro lado olhar para o futuro, especialmente para 2023, ano em que estamos a celebrar 25 anos de Cooperação de Defesa... mas também olhar para 2024.

Podemos dizer que no ano passado foram levadas a efeito pelo Centro e pelos Núcleos em cada Estado-membro da CPLP um conjunto vasto de iniciativas, desde conferências, seminários, cursos, palestras que de certa forma procuraram desenvolver aquilo que é a reflexão estratégica na nossa Cooperação de Defesa. Nós temos em mão vários projectos e também fizemos a avaliação desses projectos, nomeadamente e para exemplo, falamos sobre o livro dos 25 anos da cooperação de Defesa na CPLP, que vai se lançado este ano e que, estamos a desenvolver, que queremos a participação de todos os países. De Moçambique temos já o testemunho do Ministro da Defesa Nacional o que para nós é um imenso prazer.

Mas, eu estava a dizer que esta análise do ano 2022 tem em vista avaliar o que foi feito, e, depois na outra parte, para 2023 e 2024 planeamos o conjunto de eventos que já estão calendarizados que acontecem de uma forma regular, Seminá-



rios Internacional Político-Estratégico, Conselhos Consultivos, os Cursos que são ministrados aqui e noutros países, porque é importante não esquecer que CAE funciona em redes e cada país da CPLP tem como vimos um NN. Eu por exemplo sou o Coordenador do Núcleo de Portugal. Mas, hoje aqui nesta reunião do Conselho Consultivo estão também os representantes de todos os NN do CAE, nomeadamente: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Portugal, como disse.

LP: Tendo em conta que estão todos representantes dos núcleos, nós, podemos, estando em Moçambique nem, (não podemos deixar de debater esse assunto) podemos perguntar por exemplo ao coronel se, questões como Cabo - Delgado merecem alguma atenção nesse Conselho Consultivo?

LB: Nós não tratamos directamente da questão de Cabo-Delgado. Nós tratamos de temas como a segurança marítima, tratamos temas como a questão da cooperação ao nível da Defesa na CPLP. Portanto, nós tratamos temas de interesses gerais dos países, por exemplo amanhã, temos aqui o seminário que versa sobre a segurança marítima

e ao longo do presente ano iremos ter temas ligados à agenda da mulher nas Forças Armadas, a questão da segurança marítima ligada as fronteiras, incluindo a problemática da extensão das plataformas, portanto, digamos que temos sempre em vista situações de análise de desenvolvimento concretas para área académica e a área respectiva sobre a segurança numa forma geral dos problemas que afectam a CPLP como um todo.

LP- Certamente o coronel. Falando na segurança marítima de um modo global na CPLP, o que o Coronel, nos diria. Estamos seguros nesse aspecto ou existem pontos por melhorar?

LB- Bem, nós falamos da segurança marítima global, porque a segurança marítima tem que ser vista numa perspectiva global, porque não se pode dizer que Moçambique tem plena segurança marítima, Não é verdade, porque a segurança marítima e dos espaços marítimos só se consegue quando na região tivermos segurança marítima colectiva e se tivermos mecanismos nacionais e regionais que estão integrados e que contribuem para a segurança marítima numa perspectiva regional e global. Porque as mercadorias transportam-se em rotas marítimas de uma forma global e porque a economia global afecta a segurança marítima como um fenómeno global. Agora, dentro da segurança marítima temos vectores e existem determinados sectores que contribuem para essa segurança marítima global, nomeadamente o combate à pesca ilegal, a questão da definição das fronteiras, e nomeadamente a questão do tráfico de drogas e de armas, a muito em particular da pirataria. E, estes fenómenos que nós temos que estudar na região do Golfo da Guiné, do Golfo de Aden, na região do Atlântico Sul e do Oceano Índico (o ano transato realizamos um seminário sobre o canal de Moçambique). Portanto, nós procuramos dentro das áreas respectivas da CPLP identificar as problemáticas, olhá-las numa perspectiva de análise estratégica e perspectivar até de que forma a cooperação de Defesa da CPLP pode ser melhorada nesse contexto.

LP- O trabalho do Centro de Análise Estratégica da CPLP em 2022, resumido numa só palavra, o quê que diria?

LB- Excelente, onde deveremos incluir o trabalho dos Núcleos Nacionais pois trabalhamos em rede e em parceria. Nós estamos numa perspectiva de crescimento institucional. Portanto este Centro vai fazer este ano 20 anos, em Novembro, e é um instrumento que faz uma reflexão estratégica à volta dos problemas de Defesa nos membros dos países da CPLP e é cada vez mais necessário, porque a segurança (e a Deesa) é um vector do desenvolvimento, e nós não podemos falar do desenvolvimento se não olharmos para a segurança e aqui, pensa-se a segurança, pensa-se na defesa, pensa-se estrategicamente como é que os países podem ser mais desenvolvidos, e isto é um papel que foi atri-



buída a Moçambique, como país anfitrião e está de parabéns porque este Centro foi uma tentativa de descentralizar, a partir de Lisboa, aquilo que é a cooperação de defesa na nossa Comunidade. Portanto, criou-se o CAE aqui em Maputo, e as Forças Armadas de Moçambique e o Ministério da Defesa Nacional tem apoiado, portanto como estamos aqui a ver, temos militares em Moçambique que estão aqui neste Centro e que apoiam e garantem esta estrutura e isso é um contributo muito grande que Moçambique dá a esta reflexão estratégica que se faz hoje na CPLP sobre a cooperação da Defesa, e que estamos a celebrar este ano 20 anos de existência. Solicito que possam falar com o atual Diretor do CAE/CPLP, o Coronel Armindo de Sá Miranda, de Cabo Verde, que vos poderá dar mais detalhes sobre esse evento.

LP- O que se pode esperar para 2023, quais é que são os aspectos centrais que a CPLP, neste caso o Centro de Análises Estratégicas vai tocar exactamente na defesa, em Moçambique, concretamente?

LB- Bem, nós temos para o presente ano, agendados já alguns eventos que estão relacionados com temas que tem merecido a nossa atenção. A agenda da mulher, o papel da mulher nas Forças Armadas, o papel na segurança marítima e no desenvolvimento dos Estados. A criação e como é que os países vão desenvolver as suas zonas económicas exclusivas e qual é o impacto que a extensão das plataformas marítimas tem para a segurança dos países e como é que nós vamos melhorar a cooperação de Defesa, como é que vamos reforçar as capacidades operacionais das Forças Armadas e como é que vamos nos posicionar para estarmos mais integrados e trabalharmos melhor, e é essa perspectiva que esperamos aqui ou seja é olhar no sentido de podermos cada vez mais estarmos preparados para responder às ameaças e aos riscos, não só em Moçambique, mas, no nosso mundo da CPLP.

LP- A questão da Mulher globalmente tem merecido debate em todas as áreas, e o Coronel, também está a levantar esse aspecto, vai ser tocado na segurança. Quais é que são os níveis de satisfação da Mulher, do ponto de vista da segurança, tanto em Moçambique como na CPLP global?

LB- Nós temos a certeza absoluta que nada se faz na Defesa Nacional sem a presença das Mulheres, é importante ligar a segurança, como a defesa, como o desenvolvimento, a Mulher tem um papel central em todas essas dinâmicas. Portanto nós vimos cada vez mais com muito gosto a presença de mulheres nas Forças Armadas. Nesta reunião do

CC temos aqui, por exemplo, o Coordenador do Núcleo Nacional de Cabo-Verde que é uma mulher e temos ainda aqui representantes femininos de Angola e Portugal. As mulheres estão efetivamente cada vez mais presentes naquilo que é, o diálogo, da segurança, do desenvolvimento e da paz. E, esta iniciativa que vamos levar efeito no presente ano, a qual convidamos também já para estar presente, queremos fazer aqui um conjunto de conferências que aborda a “Agenda 1325 das Nações Unidas”, onde se aborda o papel das mulheres nas Forças Armadas da CPLP.

É precisamente para que estejamos cada vez mais engajados nesta problemática que possamos olhar a segurança e defesa como um problema de todos, não é só das Forças Armadas. A Defesa Nacional é um problema de todos, da sociedade, porque todos sofrem as ameaças aos Estados e à Sociedade em geral. Esse é que é o espírito principal que nós procuramos sempre nas nossas conferências levar aos jovens como vocês, às universidades, às empresas, os organismos estatais, porque é o sentido completo do conceito de Defesa Nacional...e que deverá sempre presente no seio das nossas reflexões académicas.

LP- Porque estamos com um Coronel, (cresce a curiosidade), o Presidente da República de Moçambique afirma que existe uma cara protagonista daquilo que são as desgraças de Cabo-Delgado e é moçambicano diz ele. Isso pode significar algum avanço para solução desse problema?

LB- Bem, nós não analisámos esta situação que é a questão de Cabo-Delgado que é uma questão que preocupa a todos e preocupa obviamente a CPLP e nós queremos que haja paz, segurança e desenvolvimento, que haja cada vez mais melhor resposta aos problemas de insegurança e acompanhamos obviamente a situação, mas neste fórum este tema, repito, não é o tema do que estamos aqui a abordar, portanto obviamente poderá ser abordado noutros contextos.

LP- Sabe-se que o Coronel, vai dar aulas numa das nossas Universidade de Moçambique,. Perguntaria ao coronel como vê as universidades moçambicanas relativamente a qualidade?

LB- Eu acho que tal como tudo nas nossas sociedades modernas as coisas têm evoluído, e neste sentido eu penso positivamente. E tudo que eu tenho feito e aquilo que eu tenho procurado falar com os meus colegas de Moçambique, é que hoje em dia nada se faz sozinho, ou seja, nós temos que criar redes de conhecimentos, nós temos que participar com os outros na melhoria do que nós fazemos em

prol do Conhecimento e da Educação. Não somos perfeitos, nem temos o conhecimento todo, todos nós, Portugal, Espanha, nos Estados Unidos, as Universidades têm problemas, portanto, nós precisamos ter a consciência de que estamos em determinados contextos com dificuldades e a questão aqui em Moçambique é dinâmica e evolutiva. mas que se existe área onde temos que apostar é na área de conhecimento, é na educação, é na formação universitária dos jovens e não só, é colocando mais recursos, é ver os melhores professores a falar sobre temas actuais para que possa despertar nas gerações futuras um interesse para as matérias nucleares da sociedade. Por isso é que eu ministro, com muito gosto, estas conferências participando em debates nas rádios, televisões e nesses seminários. Por exemplo, realizamos na passada segunda-feira no Centro de Estudos Estratégicos Internacionais (CEEI) da Universidade Joaquim Chissano, a convite do professor Emilo Zeca uma conferência sobre o Índice Global de Paz e Moçambique. É precisamente para levar à sociedade e aos jovens a vertente mais universitária, que esses assuntos têm que ser debatidos, têm que ser percebidos.

Neste seminário, por exemplo falamos, sobre a paz positiva, mas o quê significa a paz, qual é a importância que nós damos e deveremos dar à paz, e isso é, hoje em dia fala-se de paz, sem saber exactamente o que é que importa. Portanto, é essa consciência que temos que passar através das nossas Universidades, é essa consciência que eu procuro aqui dinamizar através das Universidades a qual eu tenho o gosto de colaborar, Universidade Joaquim Chissano, a Escola Superior de Gestão Cooperativa e Social (CBS), com a Academia Militar em Nampula e, para terminar, nós todos temos que trabalhar em melhorar o nosso conhecimento, porque só em redes de conhecimento conseguimos aprender alguma coisa e evoluir como pessoa e sociedade.

LP- só para terminar, ainda que a Turquia não seja um país de expressão portuguesa, mas vive o desastre que vive, o quê que o Coronel diria. Que mensagem deixaria a àquele povo?

LB- Foi uma tragédia que nós estamos a assistir porque a Turquia obviamente tem um papel importante no contexto global e e nós desejamos que rapidamente a Comunidade Internacional se possa mobilizar para apoiar esta desgraça e apoiar este povo, não só a Turquia, mas também a Síria e que isto possa rapidamente ser ultrapassado. Apresento obviamente as minhas condolências às famílias e aos Estados, e tenho em mente as pessoas que foram envolvidas neste acontecimento, e que morreram neste terramoto terrível. Paz à Sua Alma.

	Assinaturas			
	Mensal	Trimestral	Semestral	Anual
Nacional/Função pública	500 Mts	1000 Mts	1600 Mts	2500 Mts
Embaixadas e fora do País	10 USD	20 USD	32 USD	50 USD
Apoios/Doações	Nib- 000800002660315610113		conta- 22660315610001	



Azarias Faife

“Sair da agricultura rudimentar para uma agricultura industrializada”

O primeiro plano terá de ser na educação, temos que melhorar o ensino, vamos abolir e de todas as formas evitar as passagens automáticas, melhoraremos o salário do professor, a implementação da tabela salarial única foi só uma tentativa mas o professor precisa ganhar melhor como vinha sendo o plano inicial da implementação da TSU que o preferiram chamar de boato. A educação é a base, um aluno não pode chegar a décima classe com problemas em questões básica de operações matemáticas, à este nível um aluno já deve ser visionário, portar-se como um indivíduo que tem noção do que quer para o futuro.

Temos de seguida dar a devida atenção para a agricultura, sair da agricultura rudimentar para uma

agricultura industrializada, torna-la altamente sustentável para o povo nacional, usaremos alfaias agrícolas de alta tecnologia, capacitar as pessoas para uso disso, dominar as épocas das nossas culturas, aumentar o número de extensionistas, pois o rácio actual é totalmente desequilibrado, investir nos medicamentos para combater as pragas. Vamos garantir que a nossa produção exporte e enriqueça o país, já no tempo colonial era possível porque isso nos será difícil. Temos ainda o desafio da saúde, e o primeiro passo nesse aspecto deve ser a sensibilização da população, ensinar as pessoas a cuidarem de si mesmas, conservar a água, conservar seus alimentos e mais. Assim se evite, se previne e também se vive saudavelmente.

GRITO DO CIDADÃO

“Os alunos estudam por debaixo das árvores”



Elcídio Mungue

Como é que o governo e a procuradoria pretendem acabar com a onda de raptos? É doloroso ver um pai clamando pela sua liberdade, liberdade essa que os malditos sequestradores o tiraram, será que a nossa polícia funciona mesmo? Há dez anos que sofremos raptos e até hoje nenhum cidadão indiciado, clamamos pela resolução deste problema. Basta de raptos.

António Paulo

Eu acho que os governantes são fracos em deixar a situação da falta de escolas continuar, nós andamos longas distâncias para chegar a uma escola secundária, e as poucas escolas que existem não tem condições para nada. Os alunos estudam por debaixo das árvores e em dias de chuva como este por exemplo, não temos aulas. Estávamos animados com o início das aulas mas quando a chuva é um mal, a animação vai-se com as águas das chuvas.



Temos que mudar essa triste situação, estamos com quarenta e oito anos de independência. Moçambique precisa de evoluir.

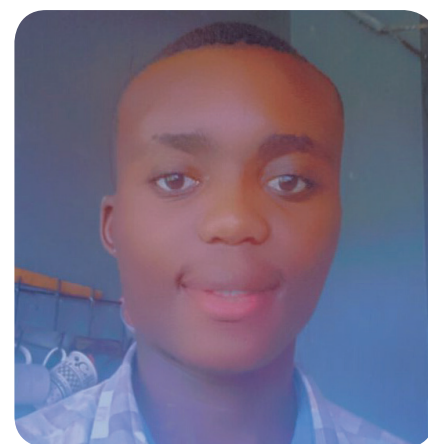


Júlia Chambule

Eu queria lamentar por essa situação das vagas nas escolas, Janeiro pós Janeiro é uma chuva de cobranças ilícitas por parte dos professores e os seus directores ficam na sombra a fingir-se de santos. Não basta ser moçambicano, se não és aluno interno, para voltar a escola terá de pagar para ter vaga e depois as matrículas, isso não é nada legal, nós sabemos disso, porem de roubar-nos.

Sebastião Arão

Sou da polana caniço, um bairro da cidade mas nem se quer parece na verdade, quando chove não se dorme no meu bairro, tem problemas sérios de saneamento do meio, aqui passamos noites a evacuar água das nossas casas por uma simples chuva, existem pessoas aqui dentro que devem sair de casa para ficar com familiares de albazine ou central ou qualquer outro sítio, até que a situação das águas dentro de suas casas volte ao normal, isso é dramático. E sempre foi assim, é aqui, é mafalala, maxaquene e mais há anos que isto



está assim e ninguém está preocupado, nunca se resolve, dorme-se por cima de mesas.

Manuel Gregório Pereira: um pintor redesenhado na voz de Brandão

“A primeira característica de uma obra de arte é a de se encarnar a matéria.” São esses os primeiros dos mais marcantes traços com que me deparei aquando de um primeiro se não o único encontro com Manuel Gregório Pereira protagonizado por Afonso Almeida Brandão. Esse biógrafo assim o fez quando decidiu redesenhar a figura do seu conceituado amigo usando aquele que é o seu mais confiado instrumento artístico, a palavra, a escrita. Pereira pintava, e o fazia estrondosamente bem, a sua história é tão materialmente verídica e clara quanto as águas do Tejo, e assim tão natural também e quiçá ainda maior a ponto de atingir o Nilo, pois isso é possível aferir nas falas pictóricas de Brandão retocando o arco-íris que foi a sua vida e obra.

Pereira desenhava-se através das artes plásticas e marcou o seu e todos os tempos ainda vindouros no campo das artes, e quando olhámos para aquilo que foi a sua acção prática encontramos então a matéria referida pelo autor como característica primária das artes, matéria esta que para um bom entendedor, qualquer indivíduo que se preze como tal de-

veria procurar tê-la como bússola da sua existência. Pereira e os seus feitos foram a matéria, sabendo-a a que matéria Pereira encarnava quando produzia a sua obra de arte porém, a verdade é que as suas obras são a matéria que Brandão encarna ao redesenhá-lo, no entanto, a escrita de Brandão sobre Pereira é uma obra de arte.

O impacto das artes no geral consistirá sempre razão de debate em várias sociedades, visto que, em muitas delas, como a nossa incontornavelmente, a sua importância constitui ainda alguma dúvida, pois cá para as margens do Índico infelizmente, a arte é cinicamente chamada de cultura e meramente tratada como entretenimento e pior, exprimindo-as até a última gota de importância que tal entretenimento possa vir a ter para os drenos nada saneados, lamentável. Pereira compreendeu o seu destino quando percebeu e aceitou o quão a arte lho era importante, e decidiu então dar mais importância aos gatafunhos por si carbonizados em relação ao balcão de uma mercearia de quem quer que seja. É mesmo essa a concepção em falta, perceber a arte, aceita-la e dá-lha a de-

vida importância.

Das mais variadas formas de interpretar os esforços para o alcance de quaisquer objectivos, Pereira distinguiu os realizados ao serviço de ambições sérias dos impulsados por mero conforto e sobrevivência, para este artista a arte deve representar-se pela primeira opção só assim terá a importância merecida, pois é, pode-se a partir deste tão bem enquadrado fundamento afirmar que falta, ao país da marrabenta por exemplo, transformar as artes em ambições sérias.

Muito há de impressionante ao apreciar o tracejado de Brandão sobre os tracejados de Pereira, visto que, numa primeira impressão com esta obra procura-se a oportunidade de perceber a lógica e os significados das cores, do cubismo, do ritmo, da matéria, do naturalismo e, por ignorância do leitor ou melhor, pela riqueza dos conteúdos acaba-se mesmo no impressionismo, sem infelizmente, ainda que bastante felizes, transbordar do estado impressionante a que esta obra coloca-nos. A nós, recomenda-se a leitura minuciosa desta biografia pois, mais do que prazeroso, ser-nos-ia bastante útil.

FICHA TÉCNICA

Director Editorial: Douglas Madjila

Administração: Hélio Pinto ; Contactos: 841385148 / 87 3017860

Redacção: Benta Edith, Orlando Júnior, Jéssica Monteiro Redacção : 87 5308210/ 82 3308210

Numero de Registro de Entidade Legais: DISP.67/GABINFO-DEPC/210/2022

Endereço: Av. Amílcar Cabral, 1542 1º andar ; Cidade de Maputo Email: luzdopensamentomz@gmail.com



DO PENSAMENTO

EDIÇÃO ESPECIAL DE RÓTULOS “SALVEM-NOS”





Laura A. Nhaueleque

Cobranças Ilícitas nas Escolas em Moçambique e direito violado à educação

O ano lectivo de 2023 que começou há pouco dias, já vem pesado de queixas por parte dos pais e associações nacionais que se preocupam com a educação das crianças no país. O Centro de Aprendizagem e Capacitação da Sociedade Civil (CESC) aponta com tristeza que o direito à educação em Moçambique pode ser descrito como condicionado, devido às excessivas cobranças por parte de vários actores que actuam no sector da educação e nas escolas.

De acordo com a lei moçambicana, o ensino primário é gratuito, no entanto, de acordo com o CESC, alguns actores da educação vendem vagas para as crianças que entram pela primeira vez na escola ou então para aquelas que ainda não têm idade para entrar na 1ª classe; uma vez que a lei regulamenta que só ingressam no primeiro ano de escolaridade as crianças que completam 6 anos até 30 de junho.

Só para reforçar a prática de cobranças ilícitas em Moçambique, o Gabinete que vela por questões de corrupção a nível da província da Zambézia, recebeu nos finais de Janeiro uma queixa referente ao incremento ilícito do valor das matrículas. O senhor Edson Pene, porta-voz que recebeu na Zambézia, disse que a denúncia consistiu em “cobranças de trezentos meticais para

matrículas da oitava e nona classe, mas nos recibos, a direção da Escola declara duzentos meticais”. No país, as matrículas da primeira à nona classe são gratuitas no ensino público.”

Ainda segundo o CESC, os pagamentos abrangem a adulteração de taxas de inscrições fixadas a nível ministerial, onde os pais são obrigados a pagar um valor acrescido que, obviamente, fica com o autor deste crime contra o Estado. Ainda nesta senda, os pais em muitas escolas a nível nacional, pesa sobre eles o pagamento dos salários dos guardas e outros funcionários auxiliares das escolas. Afinal o guarda e outros funcionários não são contratados pela função pública? Porque então deve ser a responsabilidades dos pais e encarregados de educação o pagamento dos seus salários? Por cima, o maior número de pais e encarregados de educação auferem salários baixíssimos.

No documento do CESC, constam ainda cobranças ilícitas para a maioria das crianças terem o acesso aos manuais escolares que, formalmente deviam ser de distribuição gratuita. Em algumas escolas, de acordo com o documento da CESC, a farda escolar é outra via para as cobranças ilícitas através do incremento do valor do unifor-

me para além do praticado.

As cobranças ilícitas nas escolas em Moçambique não são práticas recentes. Em 2013, o Jornal @Verdade na sua edição de 13 de Janeiro publicou uma matéria colhida na escola Chamissava localizada em Katembe, na Província de Maputo. Uma encarregada de educação disse: “a directora da escola cobra 20 meticais a cada aluno para a construção de casas-de-banho e quem não tirar não vai assistir as aulas. Eu não trabalho e tenho seis filhos, onde terei todo esse dinheiro?”

As cobranças ilícitas que devem ser classificadas como um crime, violam o artigo 3 da lei nº18 de 2018 que declara o direito de acesso a educação, cultura e desenvolvimento humano equilibrado e inclusivo. Princípio este que vai ao encontro daquele plasmado na declaração dos direitos humanos.

Estes infractores espalhados em várias escolas do país, mas também aqueles que actuam em outros sectores, deviam ser severamente punidos consoante a lei que condena a corrupção no país, pois retiram o direito fundamental às crianças e jovens moçambicanos de famílias modestas do ponto de vista económico: o direito ao futuro, mediante um percurso escolar saudável e tranquilo.

PUBLICIDADE



ethale
Publishing



Namulugo, herói nacional (carta a república militar da Maganja da Costa)

Por: Edmersone Mujojo

Quando se fala da Maganja da Costa, não se deixa de lado a história do distrito, isto, com mais enfoque ao Kondossano, um lugar sagrado localizado mesmo ao lado do rio Ruguria, não tão longe da sede do distrito.

Para uns, Kondossano foram as últimas palavras proferidas por Namulugo, que numa batalha militar foi gravemente atingido e dali, usando poderes sobrenaturais, saiu a voar em busca de apoio espiritual até ao local onde hoje encontra-se um monumento em sua homenagem. Conta-se que sem forças e gravemente ferido, foi encontrado na copa de uma árvore pela população e tudo que conseguiu dizer antes da sua morte foi **ngondo sano** que em nhungue quer dizer **a guerra é vossa...** como quem diz, fiz a minha parte, continuem a luta.

Mas também, existe indicações segundo a qual, era do local sagrado que Namulugo (ossano =

chefe) chefiava a guerra (kondo). É consensual a informação de que este foi sempre um lugar sagrado, local onde os Nharingas realizavam e realizam as suas cerimónias aos antepassados.

A visita ao local, carece sempre de uma presença da Mulinda (uma anciã com capacidades de comunicar com os espíritos) ou alguém com poderes bastantes para fazer Mukhuto/Makeya, num acto que visa pedir autorização aos espíritos para pisar naquele lugar sagrado.

O que a história nos diz, é que na República militar da Maganja da Costa (1862-1898) encontravam-se escravos armados com vários privilégios. Fala-se de escravos livres de outras zonas, liderados primeiramente por João Bonifácio Alves da Silva e depois da sua morte, pelo seu irmão, Vitorino Romão da Silva.

Vale lembrar que a Maganja da costa, resistiu a invasão colo-

nial portuguesa durante 60 anos, enquanto Moçambique sofria a colonização, a Maganja da Costa era uma zona livre, uma zona independente. Os escravos que conseguiam fugir de outras zonas, refugiavam-se na zona da Maganja. Os Maganjenses, chefiados por Namulugo, lutaram com arcos, flechas, zagais e a magia espiritual contra a invasão portuguesa, vários portugueses foram mortos ao tentar penetrar a Maganja da Costa. Namulugo, incansável e com fortes poderes sobrenaturais, ofereceu sua vida em combate a fim de ver a maganja da costa livre da penetração colonial portuguesa.

Por quê não se levar o nome Namulugotão alto, será que um monumento em sua homenagem é o bastante? Por quê não se colocar esse nome na história da libertação do País? Um herói para os Maganjenses e quanto a mim, um herói da Zambézia, um herói nacional.



Quinta-Feira, 09 de Fevereiro de 2023

Tabela Cambial

	Compra	Venda
USD	63.25	64.51
ZAR	3.60	3.67
EUR	67.86	69.21



"Como é possível ter emprego para todos em Moçambique?"

Por: Nilton Dimande

Actualmente, em Moçambique contamos com cerca de 30.832,244 habitantes, uns sem oportunidades de emprego, outros com oportunidades no mercado de trabalho e uns com ideias criativas e inovadoras de empreendedorismo.

E a questão que surge é: como é possível ter emprego em Moçambique?

Existe um tal da secretária do estado da Juventude e emprego, que tem a função de garantir emprego e soluções de empreendedorismo para os jovens.

Mas a verdade é uma jovens, não podemos nos iludir o emprego não é garantido para todos.

Existem os que tem "padrinhos" nas diversas instituições, existem os que tem educação e conseqüentemente, conseguem emprego por competências, os que tem experiência de trabalho e os que não tem nenhuma das opções para ingressar no mercado de trabalho.

A realidade é que em Moçambique funciona a lei da selecção natural, do Charles Darwin, que diz o seguinte: "Na selva sobrevive o mais forte".

De forma mais clara, Moçambique é uma selva que para você sobreviver deve

usar do seu poder de influência para solucionar o problema do desemprego na sociedade.

Entretanto, dentro de um enredo de desempregados existe sempre aquele que é um indivíduo distinto (diferente), que procura soluções para gerar renda através de suas habilidades cognitivas (conhecimento) e cria uma fonte financeira com base no empreendedorismo.

Estes são sempre jovens com sonhos, ideias inovadoras e com força de vontade de trabalhar, independentemente das condições do momento.

No lugar de lamentar pela falta de emprego, o jovem deve começar por trazer uma nova visão ampla para Moçambique, com intuito de melhorar a qualidade de vida da população Moçambicana.

O ideal seria que todos depois da formação académica tivessem emprego, mas a verdade é que não é possível gerar emprego para todo mundo, em qualquer país não só no território nacional.

Então é preciso se reinventar no século XXI, pois, o custo de vida é elevado, nem mesmo o salário suporta. A melhor das hipóteses é procurar um negócio que

vai beneficiar a sua vida e a dos outros.

Para tal é necessário pesquisar o que o mercado precisa com urgência, ou seja, o que tem sido prioridade no mercado de trabalho. Buscar capital (dinheiro) para gerar lucros que resultem. E manter um ritmo de trabalho sempre a estudar seus principais concorrentes.

Por mais que tenhamos empresas privadas e públicas a recrutar todos os meses, nem todos seremos escolhidos. E os motivos na selecção são de várias ordens.

Por vezes não nos contratam porque o nosso salário é elevado, porque não temos experiência profissional, as razões são várias, então o jovem arranja sempre uma maneira de contornar essas barreiras no mercado de trabalho.

Moçambique tornou-se um país das "Boladas" dos negócios informais que geram rendas para aliviar o desemprego no seio da juventude.

Enfim, toda as estratégias para se reajustar ao novo estilo de trabalho por conta própria requer iniciava e força de vontade. E acima de tudo acreditar no seu potencial projecto.

PUBLICIDADE

LUZ DO PENSAMENTO – *Semanário Digital*

Preços de Publicidade por Edição

1/1 pág.	10.500,00 MT
1/2 Pág.	6.500,00 MT
1/4 Pág.	4.000,00 MT
1/8 Pág.	2.500,00 MT
Rodapé primeira página	5.000,00 MT
Rodapé de pág. 2 em diante	1.500,00 MT



IDENTIDADE MOÇAMBICANA É UM SABER ADORMECIDO

Por: Aرسال José Minrage

Muitas vezes vivemos sem se quer ter a noção do significado dos nomes das regiões em que habitamos, limitando-nos simplesmente em viver pronunciando nomes étnico-geográficos em que desconhecemos a sua origem e o significado que estes carregam. Entretanto, importa asseverar que “Crescer desconhecendo as suas origens é o mesmo que viver desconhecendo a sua identidade”. Ou seja, o homem por onde quer que esteja vivendo deve se sentir obrigado a conhecer o significado do nome geográfico relativo à localidade em que se encontra habitando.

A origem etimológica dos nomes étnico-geográficos em Moçambique vem desde cedo sendo um problema em minha cabeça, pois, desde o início da minha vida estudantil, senão desde que passei a frequentar aulas de história, em nenhum momento pude ter a oportunidade de ler nos livros de história um trecho que fale dos nomes étnico-geográficos relativos a localidade em que os alunos estão inseridos.

Deste modo, verna em mim um facto interessante no nome Kuphe, um termo dado a um bairro no distrito de Chiúre na Província de Cabo Delgado no qual, tive a oportunidade de residir e que em nenhum momento fiquei sabendo do significado deste termo. Entretanto, quando já frequentava a 11ª classe por ventura na Escola Secundaria de Kuphe, termo este que é relativo a localidade em que vivia e que a escola se localizava, passei a interessar-me na questão de querer saber a cerca daquela designação da localidade (Kuphe), passando então a perguntar aos meus professores assim como aos meus colegas acerca deste nome, mas nenhuma das pessoas a quem eu perguntava falava-me do seu significado.

Não obstante, após ter passado a frequentar a Universidade, nalguns conteúdos abordados na cadeira de didáctica pude perceber que nos livros escolares documentam conteúdos leccionados em 20% relativa a matéria do currículo local. Neste peso, resultou o meu desassossego e a vontade de puder investigar sobre o termo Kuphe e pelos vistos este seria um pontapé de saída para a inclusão do significado dos nomes locais nos livros, para dar ênfase na preservação e disseminação dos mesmos, com vista a salvaguardar a sua identidade, no que concerne aos nomes locais.

Rezam nos relatos dos nossos informantes-chave (Anciões residentes), Kuphe é um nome local do distrito de Chiúre, que provém do termo local Macua “Nakuphe” que significa “ vamos limpar”. Este nome aparece no momento em que o régulo que residia nesta área, quando quisesse marcar uma reunião com a população, ele recomendava aos seus mandatários para que avisassem a população que haveria uma reunião naquela área, e deste modo, antes da realização da reunião os mandatários avisavam a população que deviam ir limpar aquela área onde a reunião se realizaria pois, se encontrava rodeada de cajueiros e havia muita mata. Portanto, os mandatários ao falarem com a população diziam “*Nakuphe wa régulo, nihana nkuthano*”, que significa: “vamos limpar na zona do régulo, temos uma reunião”.

Neste aspecto, numa perspectiva de análise, quando conjugando os relatos da história de Moçambique e os conteúdos didácticos sobre a reconstrução da história local, prescreve que Moçambique após alcançar a sua independência, vigorou uma campanha designada “abaixo os régulos” que obrigava a retirada dos nomes dos régulos na designação das localidades, pois o governo afirmava serem os régulos apoiantes do colono no processo de ocupação do país. Este fenómeno foi preponderante na altura em que as zonas habitadas passaram a receber um nome, e que a população deste local optou pelo termo *Kuphe* como forma de identificar aquela área.

Moçambique verifica a existência de vários locais com nomes de grande importância, pois, surgiram depois de os próprios residentes terem dado significado a estes locais. É neste contexto que verificamos nomes tais como: Chiúre (provém da palavra “ESSURI” que, em língua materna local, o Macua, designa uma construção cilíndrica); Metuge (que provém da palavra “NTHUGI”, pelo facto de no tempo da escravatura ter sido um lugar de descanso dos presos e trabalhadores, onde existia uma grande árvore de sombra que em Macua pronunciava-se NTHUGI); Nanhupo (surge a partir de um animal de nome Enhupo, idêntico a um boi que havia entrado num poço em que a população carretava água, com isso, a população passou a designar aquela área por Unanhupo). Entre outros nomes que

surgem pelo facto de diversas actividades terem acontecido nessas regiões e que marcaram estes locais.

Entretanto, Kuphe é um local de maior habitação, e uma zona de grande referência em Chiúre, mas a maioria da população residente nesta área não tem o conhecimento a cerca das origens deste nome ou mesmo do surgimento deste local. Com isso, surti uma inquietação que não quer se manter adormecida: o quê leva a maioria da população residente neste zona a desconhecer este nome? Kuphe é um local com uma memória que merece ser preservada e conservada para dar a conhecer esta memória ou estes saberes para a comunidade.

Seria bom se a comunidade toda conhecesse a sua história, e não só, os professores assim como os alunos deviam procurar saber acerca destes nomes e criar fóruns, palestras ou mesmo debates para disseminar estas informações para as nossas comunidades, pois assim sem sombra de dúvidas as pessoas não ficariam de trás no conhecimento destes aspectos sociais.

Um historiador asseverou que “*a História é a memória do género humano, aquilo que no passado deixou marca na recordação dos homens*”. Portanto, a nossa identidade só poderá prevalecer nas nossas memórias assim como passará para as futuras gerações se nós pautarmos na preservação e disseminação do nosso conhecimento, porque somos nós próprios que detemos desses conhecimentos, e temos a obrigação de deixar marcado, para que a futura geração tenha conhecimentos palpáveis acerca dos locais onde habitávamos. Pois estes conhecimentos aos poucos vão desaparecendo com os nossos “mais velhos”, aqueles chamados de memória oral, que conhecem a nossa verdadeira identidade.

Foi realizado este estudo na tentativa de puder trazer a imagem que possa reflectir sobre o significado dos nomes locais, visto que tudo que o homem faz e desenvolve é algo memorável para as gerações posteriores que servirão para o conhecimento dos locais onde residem, neste caso a partir deste cada comunidade terá o anseio de obter o conhecimento do local por onde se encontra e vangloriarão a sua identidade a respeito do conhecimento transmitido a partir deste estudo.



Opinião dos outros: conta ou não conta?!

Por: Cândida Muvale

Virou um mantra as pessoas actualmente dizem: *pára de te preocupares com a opinião dos outros; viva a tua vida, os outros sempre vão opinar façás bem ou mal, todos sempre vão julgar, finja demência e segue a tua vida.*

Bem a verdade é que o ser humano diferente de outros seres é um ser racional e biopsicossocial, nós somos o que somos porque nascemos numa família e fomos aculturados primeiro na socialização primária (a família biológica ou adoptiva) depois a secundária (escola, igreja, etc).

É diferente dos outros seres, nosso cérebro já é formatado desde o fabrico para sentir amor, carinho e empatia pelos demais, nós temos que ter sentimento de pertença, amar e se sentir amado, saber que somos elogiados e queridos pelas pessoas que nos rodeiam.

Não é à toa que as redes sociais a cada dia conquistam nossos usuários pois em primeira instância vendem a possibilidade de mostrares o que és e fazes de melhor e com isso te conecta ao mundo e poderes receber elogios em forma de comentários, gostos tanto que já estão a surgir novos sintomas que dão/darão espaço a novos transtornos psicológicos como a depressão motivada por números ínfimos de seguidores e gostos, sintomas de abstinência pelo conteúdo criado e postado não ter sido partilhado e comentado pelos seguidores. E os mais vulneráveis a sofrer destes sintomas são adolescentes, jovens que usam redes sociais com frequência ao ponto de desenvolver vício por elas, assim como os tais influencers digitais que vivem dos conteúdos que criam e partilham.

Diante destas novas realidades existem *startups* e aplicativos que vendem a possibilidade de forjares gostos e comentários nos seus conteúdos nas redes sociais...enfim coisas desta geração.

Voltando para o tema central da reflexão de hoje, a verdade é que a nossa reputação conta e para sermos auto-suficientes ao ponto de ignorar na totalidade o que os outros pensam, comentam, opinam sobre nós, *requer uma consciência bastante elevada* (como diz o *modjero* que virou meme ao comentar sobre o seu vício pelo álcool).

Sempre é importante termos um feedback positivo ou negativo do nosso chefe em relação a uma actividade por nós feita; os alunos e estudantes se sentem mais motivados quando recebem comentários positivos e encorajadores dos seus professores, pais e encarregados de educação; uma esposa dona de casa se sente valorizada quando seu marido e filhos elogiam o prato de comida que fizera, políticos se engrandecem a cada escova e lambida de botas sem fundamento algum perante as suas falcatruas (mas isso é assunto para outro dia) e por aí vai.

Da mesma forma que opiniões positivas sobre o nosso comportamento gera sentimentos de satisfação, libera neuro transmissores como dopamina e serotonina que te fazem sentir feliz. As opiniões negativas tendem a ter o efeito contrário e serem mais desastrosos, tanto que é comum nos dias actuais ouvir que tal fulano teve início de AVC após uma discussão com a esposa/esposo ou chefe, que adolescentes e jovens chegaram

a tentar suicídio após lerem comentários negativos nas redes sociais etc.

Para uns isso pode parecer imaturidade, mas a verdade é que não o é; claro que a medida que crescemos, com diferentes experiências quotidianas já passamos a filtrar a opinião das pessoas ao nosso respeito, onde o nosso ânimo ou desânimo tende a depender de: quem opinou (se é um familiar ou amigo próximo), qual foi a situação que rendeu tal opinião, que circunstâncias motivaram a opinião, entre outros critérios que pode pesar ou não para a nossa reflexão e mudança de comportamento caso percebamos que de facto a pessoa ou as pessoas tinham razão.

O sábio acata e reflecte sobre as diferentes opiniões em relação a ele, chegando ao ponto de gostar de ter ao seu lado pessoas sinceras, honestas que sempre dirão o que ele precisa ouvir e não apenas o que ele gosta de ouvir.

A verdade é que a sabedoria é cultivada e construída até os fins dos nossos dias, tanto que os religiosos dizem que ela é divina e quem a dá é Deus.

A verdade é que: quer gostemos ou não, quer queiramos ou não, por vivermos em sociedade todos sempre terão uma opinião (negativa e/ou positiva) a dar sobre nós e cabe a nós filtrarmos com sabedoria as que devem ser levadas em consideração e culminaram com a mudança do nosso comportamento.

UBUNTU - Eu sou porque tu és.

PUBLICIDADE

Potlatch

business consulting

Impactar e Transformar Vidas